

GUERRAS



e rumores de GUERRAS

Uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Guerras e Rumores de Guerras

Uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Guerras e Rumores de Guerras

*Uma nação não levantará a
espada contra outra nação,
nem aprenderão mais a guerra.*

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagens da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Fevereiro de 2026

Índice

Sobre o Autor	07
Introdução	08
Capítulo 1	
A História das Guerras: Porque Elas Acontecem?	10
Capítulo 2	
As Guerras Nunca Representaram o Fim do Mundo	12
Capítulo 3	
A Teologia da Guerra	16
Capítulo 4	
O Propósito das Guerras	25
Capítulo 5	
As Grandes Guerras Mundiais Não Podem Colocar em Cheque o Progresso do Reino	30
Capítulo 6	
Haverá Ausência Total de Guerras Antes do Retorno do Senhor Jesus	37
Conclusão	61
Obras importantes para pesquisa...	66

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

No momento em que escrevo este e-book, o mundo presencia diversos conflitos armados. A guerra entre Rússia e Ucrânia segue em curso, com estimativas que apontam para centenas de milhares de mortes somando ambos os lados. O conflito entre Israel e Palestina também continua sem uma solução definitiva. Além desses, há várias outras guerras e tensões militares espalhadas pelo mundo, revelando que a violência entre nações permanece uma triste realidade da humanidade.

As guerras existem desde os primórdios da história humana. Já no relato bíblico da Queda, em Gênesis, percebe-se o surgimento do conflito quando Adão atribui à mulher a culpa por ter comido do fruto proibido, e Eva, por sua vez, responsabiliza a serpente. Pouco tempo depois, a violência se manifesta de forma ainda mais explícita quando Caim mata seu irmão Abel, pois, como afirma a Escritura, “pertencia ao Maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas” (1^a João 3:12).

A primeira guerra registrada explicitamente na Bíblia encontra-se em Gênesis 14: a guerra dos quatro reis contra cinco reis. De um lado estavam Qedorlaomer, rei de Elão, e seus aliados; do outro, os reis de cidades como Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar. O conflito teve início quando esses cinco reis se rebelaram após anos pagando tributos. Nesse episódio, Ló, sobrinho de Abraão, é capturado, levando Abraão a reunir seus homens, entrar em combate e vencer a batalha, libertando Ló. Esse evento é frequentemente

considerado a primeira guerra internacional registrada na Bíblia, envolvendo coalizões de reis e batalhas organizadas.

Alguns defendem que, antes desse relato, havia violência, mas não guerras propriamente ditas, argumentando que a Bíblia menciona apenas conflitos individuais. De fato, antes do dilúvio observa-se uma escalada da violência humana, sem descrições diretas de batalhas entre povos. Contudo, muitos estudiosos entendem que conflitos armados já existiam antes de Gênesis 14, ainda que não tenham sido registrados de forma explícita. A partir desse ponto, tanto a Bíblia quanto outras literaturas históricas passam a relatar diversas guerras até os dias atuais.

Neste e-book, pretendo apresentar aos leitores reflexões sobre a origem das guerras e como elas podem representar o fim de uma determinada civilização — ou até mesmo impactar o mundo como um todo. Abordarei também a Teologia da Guerra, o propósito das guerras sob a ótica Divina e a falácia de se pensar que as duas grandes guerras mundiais seriam evidências de que o Reino de Deus não estaria avançando e tornando o mundo melhor. Além disso, discutirei uma ideia considerada utópica por muitos: a crença de que, antes do retorno de Cristo, haverá paz total no mundo, e como isso impactaria todas as demais áreas da sociedade.

Por fim, este e-book mostrará o quanto muitos pastores e mestres têm se perdido na interpretação das guerras, enfatizando apenas caos e destruição, em vez de permitir que a esperança cristã prevaleça em seus ensinamentos.

Capítulo 1

A História das Guerras: Porque Elas Acontecem?

Desde o livro de Gênesis, a Bíblia apresenta a guerra como um sintoma permanente da condição pecaminosa humana, não como algo normal ou desejável. A partir dali, o que vemos é um padrão que atravessa toda a história — e que também aparece claramente nos registros históricos fora da Bíblia.

O problema central das guerras nunca foi apenas território ou poder, mas o coração humano: orgulho, medo, ambição, desejo de domínio e incapacidade de lidar com diferenças. Vimos que em Gênesis, a violência nasce logo após a ruptura das relações humanas (Caim e Abel), e esse mesmo rompimento continua se repetindo em escala coletiva ao longo dos séculos.

Mesmo com avanços impressionantes em tecnologia, leis, diplomacia e direitos humanos, a humanidade não conseguiu eliminar a guerra totalmente, apenas mudou suas formas e conseguiu amenizar a situação muitas vezes. O que antes eram espadas e exércitos tribais hoje são armas de destruição em massa, conflitos ideológicos e guerras econômicas.

À luz das Escrituras, a guerra pode ser compreendida como uma obra da carne. A Bíblia ensina que os conflitos não surgem apenas de

disputas territoriais ou interesses políticos, mas de desejos desordenados que habitam o coração humano. O apóstolo Tiago questiona:

“De onde procedem as guerras e contendas que há entre vós?
Não procedem dos prazeres que militam na vossa carne?”
- Tiago 4:1

Esta declaração revela que a raiz dos conflitos está na natureza humana corrompida pelo pecado.

As obras da carne, conforme descritas por Paulo em Gálatas 5:19–21, incluem inimizades, porfias, iras, discórdias e dissensões — elementos que estão diretamente ligados à origem das guerras. Quando tais obras dominam indivíduos, líderes e nações, o resultado inevitável é o confronto, a violência e a destruição.

Portanto, a guerra não é fruto da vontade perfeita de Deus, mas da rebelião humana contra seus princípios. Ela nasce do orgulho, da cobiça, do desejo de domínio e da incapacidade do homem de viver segundo a justiça, a misericórdia e o amor ao próximo. Onde o Espírito não governa, a carne assume o controle, e a guerra torna-se uma consequência natural.

Essa compreensão não elimina a soberania Divina sobre a história, mas esclarece a responsabilidade humana. As guerras revelam o estado espiritual da humanidade caída e expõem a urgência da redenção, pois somente a transformação do coração pode produzir paz verdadeira e duradoura.

Capítulo 2

As Guerras Nunca Representaram o Fim do Mundo

“Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim”.

- Mateus 24:6

As guerras podem representar o fim de uma civilização, mas jamais poderiam ser a causa do fim do mundo. Embora o texto de Mateus, capítulo 24, seja uma profecia sobre o fim da nação judaica no ano 70 d.C., ele é frequentemente utilizado nas pregações como referência ao fim do mundo e à Volta de Jesus.

Mesmo que se interpretasse esse texto como uma profecia sobre o fim do mundo e a Volta de Cristo, o próprio sermão profético de Jesus em Mateus 24 deixa claro que “guerras e rumores de guerras” não indicam “o fim”. No contexto do capítulo, trata-se de uma profecia acerca do fim de Israel, de Jerusalém e da Antiga Aliança, com seu templo e seus sacrifícios. É a Volta de Jesus em juízo contra aquela nação que o rejeitou.

Ainda assim, a geração dos primeiros discípulos não deveria se alarmar, pois, apesar das muitas guerras que ocorreriam naquele período, ainda não era o fim de Jerusalém. E, de fato, muitas guerras aconteceram.

Sobre esse assunto, o pastor e escritor Jonathan Welton, escreveu que “cento e cinquenta páginas do trabalho de Josefo, que contém a história desse período [desde a morte de nosso Senhor até a destruição de Jerusalém, estão manchadas com sangue]. Para citar algumas coisas em particular, por volta de três anos após a morte de Cristo, uma guerra irrompeu entre Herodes e Aretas, rei da Arábia Pétreia (em inglês/latim Arabia Petraea), na qual o exército do primeiro foi derrotado. Isso foi “reino se levantando contra reino”.¹

Muitos, por desconhecerem a interpretação preterista da profecia bíblica, não conseguem acreditar que o período da Igreja primitiva foi extremamente marcado por conflitos. Os futuristas, por sua vez, tendem a pensar que apenas guerras com o alto poder destrutivo da modernidade seriam capazes de cumprir as palavras do sermão profético de Mateus 24. O teólogo Kenneth L. Gentry Jr. escreveu que nas últimas semanas de vida do imperador Nero, as “destrutivas guerras civis romanas eclodiram. Em desespero, Nero suicidou-se quando as forças imperiais, sob a liderança do general Galba, estavam prestes a capturá-lo. O império foi lançado em convulsões devastadoras em sentido político e social”.² E acrescenta o comentário do historiador romano Tácito que lamentou esse período negro na vida de Roma no século I:

“A história em que estou entrando é de um período sobrejeto em desastres, terrível em batalhas, destroçado por conflitos civis, horrível mesmo na paz. Quatro imperadores caíram sob a espada; houve três guerras civis, mais guerras internacionais e, de modo geral, as duas coisas ao mesmo tempo. Houve sucesso no leste e infortúnio no oeste. O Ilírico foi transtornado, as províncias da

¹ Sem Arrebatamento Secreto - Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 46. Jonathan Welton. 2ª edição, Outubro de 2019. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm Acessado dia 24/01/2026

² O Apocalipse para leigos — você pode entender a profecia bíblica —, pg. 54. Versão digital. Kenneth L. Gentry Jr., Th.D. Editora Monergismo.

Gália vacilaram, a Bretanha se rendeu e desistiu de imediato. Os sármatas e os suevos se levantaram contra nós; os dácios ganharam fama pelas derrotas infligidas e sofridas; até os partos quase pegaram em armas pelo charlatanismo de um pretenso Nero. Ademais, a Itália foi perturbada por desastres nunca vistos ou que voltaram após o lapso das eras. Cidades dos litorais férteis e ricos da Campânia foram tragadas ou arrasadas; Roma foi devastada por conflagrações, pelas quais os santuários mais antigos foram consumidos e o próprio Capitólio incendiado pelas mãos dos cidadãos. Sítios sagrados foram profanados; houve adultérios nos lugares altos. O mar se encheu de exilados, seus penhascos se contaminaram com os corpos dos mortos. Em Roma, houve mais crueldade medonha”.³

A guerra civil em Roma abalou os fundamentos do império. Como Tácito expressou:

“Essa foi a condição do Estado romano quando Sérvio Galba, eleito cônsul pela segunda vez, e seu colega Tito Vínio iniciaram o ano que era para ser o último de Galba e, para o Estado, quase o fim (Hist. 1.11)”.⁴

O Império Romano não chegou propriamente ao fim; após aquele período terrível, acabou por “ressurgir”. Já a cidade de Jerusalém, ao contrário, teve um fim definitivo, exatamente como Jesus havia profetizado. Consideremos, porém, o ponto de vista dos futuristas, que defendem que apenas guerras modernas, dotadas de alto poder destrutivo, seriam capazes de cumprir as exigências proféticas do Sermão de Mateus 24.

A revista *A Boa Nova – do Mundo de Amanhã* -, da Igreja de Deus Unida, afirma o seguinte a respeito das guerras:

³ Idem nº 2, pg. 54. Citação de Hist. 1.2,3..

⁴ Idem nº 2, pg. 54.

“Jesus Cristo advertiu sobre uma crescente escalada de “guerras e rumores de guerras”. Atualmente, estamos vivendo esse tempo. Nós ouvimos diariamente sobre o desenvolvimento de armas em lugares como a Coréia do Norte e o Irã, nações que atacariam muitos outros países caso tivessem o poder de fazê-lo. Mas, depois de Seu triste alerta, Jesus acrescentou: “Olhai não vos perturbeis; porque forçoso é que assim aconteça; mas ainda não é o fim” (Mateus 24:6).

Isso não significa que todos serão poupadados dessa calamidade, mas significa que devemos ter confiança em Deus. Embora conheçamos o terror existente no mundo de hoje, Jesus nos diz para não nos preocuparmos. O fato de sabermos disso é reconfortante e mostra que, não importa o que vemos nas manchetes, nosso Deus está no controle de tudo. (Fonte: Reuters)⁵

Embora os futuristas fiquem alarmados quando nações anunciam seus grandes armamentos e poder bélico, eles mesmos reconhecem que “Jesus nos diz para não nos preocuparmos”, pois ainda não é fim. Mesmo eles acreditam que as guerras nunca representaram o Fim do Mundo. Mas parece que sempre há uma insinuação de que guerras representam que o fim virá logo.

⁵ A Boa Nova – do Mundo de Amanhã, pg. 30. Julho - Agosto 2017. Site: <https://portugues.ucg.org/> Acessado dia 29/01/2026

Capítulo 3

A Teologia da Guerra

Embora a Fé Cristã seja fundamentalmente marcada pela rejeição da violência, alguns defendem que essa fé condena qualquer forma de força física em todas as situações possíveis. Segundo essa interpretação, o cristão deve adotar um pacifismo irrestrito, considerando toda guerra moralmente errada e todo ato de tirar uma vida como pecado, sem exceções. Mas deve ser entendido também que o “pacifismo” no Cristianismo é diferente daquele que nos dias de hoje “é geralmente associado a uma posição radical contra guerras, que é própria do que se chama de movimento hippie. Se a pergunta implica pacifismo nesse sentido, a resposta é negativa. A “Paz de Cristo” não se confunde com o antimilitarismo dos hippies, assim como o amor de Cristo não se confunde com o “free love” da liberdade sexual propagada por eles. O próprio Cristo esclareceu isso ao distinguir claramente sua paz da paz do mundo, quando disse aos seus discípulos: “Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá” (Jo 14, 27)⁶.

Contudo, apesar de se apresentarem como movidas pelo amor e pela obediência, tais ideias acabam contrariando de forma evidente aquilo que Deus revelou nas Escrituras a respeito do uso legítimo da força.

⁶ Teoria e Tradição da Guerra Justa – Do Império Romano ao Estado Islâmico, pg. 9. Pedro Erik Carneiro. 1^a edição – novembro de 2016 – CEDET. Vide Editorial.

O relato bíblico mostra repetidas ocasiões em que Deus conduziu ou autorizou seu povo a entrar em conflitos armados. Um exemplo significativo ocorre quando os amalequitas atacaram Israel em Refidim. Moisés ordenou que Josué liderasse os homens na batalha, enquanto ele permaneceria no monte com a vara de Deus. O resultado do combate dependia diretamente da posição de Moisés: quando seus braços estavam erguidos, Israel prevalecia; quando se abaixavam, os amalequitas ganhavam vantagem. Com a ajuda de Arão e Hur, Moisés manteve os braços firmes até o entardecer, e Josué obteve a vitória. Em seguida, o Senhor determinou que esse episódio fosse registrado e declarou seu juízo definitivo contra Amaleque, levando Moisés a erguer um altar ao Senhor (Êxodo 17:8–15).

Mais adiante, após a morte de Moisés, Deus reafirmou a Josué sua promessa de conduzir Israel à terra prometida. O Senhor garantiu que estaria com ele, assegurou a conquista do território e prometeu que nenhum inimigo seria capaz de resistir ao povo, assim como havia ocorrido no tempo de Moisés (Josué 1:1–5).

As Escrituras também mostram que Deus utilizou guerras como instrumento para cumprir seus propósitos soberanos, inclusive em situações que não se enquadravam em simples autodefesa. A desobediência de Saul ilustra isso claramente: ao poupar o rei Agague, contrariou a ordem divina. Como consequência, o profeta Samuel executou o juízo que Saul havia negligenciado, matando Agague diante do Senhor em Gilgal (1 Samuel 15:33).

Além disso, quando líderes do povo buscavam a orientação de Deus antes de agir militarmente, Ele frequentemente respondia de forma direta, concedendo aprovação e instruções precisas. Um exemplo é o episódio de Davi em Ziclague. Após a cidade ser destruída e suas famílias levadas cativas pelos amalequitas, Davi, mesmo profundamente aflito, recorreu ao Senhor. Ao consultá-lo, recebeu a ordem de perseguir os inimigos, acompanhada da promessa

de sucesso e da recuperação de tudo o que havia sido perdido (1 Samuel 30:1–8).

No meio da reunião do povo, o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel, levita da linhagem de Asafe, e ele anunciou a palavra de Deus ao rei Josafá e a todos os moradores de Judá e Jerusalém. O Senhor os chamou a ouvir e os tranquilizou: não deveriam temer nem se deixar abater pelo tamanho do exército inimigo, pois aquela guerra não lhes pertencia — era do próprio Deus. Eles apenas precisariam avançar conforme a orientação divina, permanecer firmes e testemunhar a libertação que o Senhor lhes concederia. Não haveria necessidade de lutar, pois o Senhor estaria com eles. Diante dessa palavra, Josafá e todo o povo se humilharam e adoraram ao Senhor (2 Crônicas 20:14–18).

Da mesma forma, Deus falou a Josué antes da investida contra Ai, encorajando-o a não ter medo. O Senhor já havia determinado a vitória, entregando o rei, a cidade e o povo de Ai em suas mãos. Josué deveria agir com estratégia, preparando uma emboscada, repetindo o padrão da vitória anterior, agora com permissão para tomar os despojos (Josué 8:1–2).

Essa compreensão está alinhada com o testemunho de Davi, que bendiz o Senhor como aquele que o treina para a guerra e o capacita para o combate (Salmo 144:1). As Escrituras apresentam Deus como um guerreiro poderoso, que atua diretamente na história para derrotar seus adversários.

O Senhor é descrito como um combatente valente, cujo nome é exaltado como guerreiro (Êxodo 15:3). Sempre que a arca avançava, Moisés clamava para que Deus se levantasse e fizesse seus inimigos fugirem (Números 10:35). Os salmos retratam o Senhor cercado por incontáveis exércitos celestiais, subindo em triunfo e estabelecendo sua morada entre os homens (Salmo 68:17–18). Isaías reforça essa

imagem ao afirmar que o Senhor avança com força, levanta o grito de guerra e vence todos os seus inimigos (Isaías 42:13).

Ainda que o Novo Testamento não traga a mesma ênfase sobre guerras físicas, isso não indica oposição ao Antigo Testamento. Ambos se complementam e revelam uma unidade teológica. No Antigo Testamento as guerras eram instrumentos legítimos para os justos propósitos de Deus. O Novo Testamento não revoga essa ideia e nem propõe uma nova doutrina pacifista.

A declaração de Jesus em Mateus 5:39, sobre oferecer a outra face, costuma ser usada como argumento em favor do pacifismo absoluto. Contudo, o contexto demonstra o uso de linguagem intencionalmente exagerada, assim como quando Jesus fala sobre arrancar o olho ou cortar a mão para evitar o pecado. Ele não propõe ações literais, mas ensinos fortes contra o pecado e a vingança pessoal.

Essa interpretação é confirmada pelo próprio exemplo de Jesus, que ao ser agredido injustamente questionou o agressor em vez de aceitar o abuso passivamente (João 18:19–23). Paulo também reagiu verbalmente quando foi ferido ilegalmente, denunciando a injustiça e a violação da lei (Atos 23:1–3). Os que sofreram agressões não responderam com passividade absoluta, mas denunciaram a injustiça da violência que lhes foi imposta. Desse modo, o ensino do Sermão do Monte não pode ser entendido como uma ordem para aceitar toda forma de injustiça sem qualquer reação. O texto de Mateus 5:39 refere-se a ofensas de natureza pessoal e não tem como objetivo proibir ações como a defesa própria, a pena capital ou o uso da força em conflitos armados. Ainda assim, esse versículo costuma ser usado para condenar tais práticas, quando sua intenção real é incentivar uma postura paciente diante de insultos individuais. A vida cristã de um nascido de novo não é marcada pela constante defesa do orgulho pessoal. O salvo em Cristo tem a disposição de responder ao mal com o bem. Uma atitude equilibrada com paciência contribui para

reduzir muitas tensões e conflitos. Esse é o sentido correto do texto, que não elimina o uso legítimo da força em contextos de justiça, proteção social ou segurança nacional.

O ministério de João Batista incluiu a pregação do arrependimento para o perdão dos pecados em toda a região do rio Jordão (Lucas 3:3). Quando soldados lhe perguntaram qual deveria ser sua conduta, João não condenou o fato de serem militares, apesar de saber que participavam de guerras e tiravam vidas. Em vez disso, exortou-os a agir com honestidade, evitando extorsões e falsas acusações, e a se satisfazerem com seu pagamento (verso 14). Ele alertou contra abusos comuns à profissão, mas não classificou o serviço militar como imoral.

Muitos defensores do pacifismo recorrem ao sexto mandamento — “Não matarás” — para rejeitar toda forma de guerra. No entanto, essa interpretação se apoia numa tradução imprecisa do termo hebraico *rasah*, cujo significado mais exato é “assassinar”. Por isso, versões mais fiéis traduzem corretamente o mandamento como “Não assassinarás”, evitando generalizações indevidas.

Assassinato, à luz das Escrituras, é a retirada deliberada da vida humana sem justificativa legítima diante de Deus. Essa justificativa não é arbitrária, mas fundamentada em princípios bíblicos que podem tornar o ato moralmente aceitável ou até obrigatório em determinadas circunstâncias. Assim, o assassinato envolve tanto a intenção quanto o ato em si. Essa compreensão está em harmonia com passagens como Mateus 5:22 e 1 João 3:15, que afirmam que o simples propósito injusto de matar já caracteriza alguém como assassino perante Deus, ainda que o ato não se concretize.

Há quem sustente que qualquer morte intencional de um ser humano configura homicídio. Contudo, se essa leitura for mantida sem considerar o restante da revelação bíblica, ela se torna incoerente, pois o próprio texto não estabelece limites claros. Seguindo essa

lógica, até a destruição de plantas, microrganismos ou animais para alimentação seria condenável. Assim, aqueles que se apegam a uma leitura isolada do mandamento acabam se contradizendo, pois vivem praticando atos que, segundo seus próprios critérios, seriam homicidas. A Bíblia, porém, define o homicídio de forma específica e limitada. De acordo com Gênesis 9:2–3, Deus concedeu aos seres humanos autoridade para usar os animais como alimento. Portanto, tirar a vida de um animal não é assassinato. Mesmo no caso de matar o animal de outra pessoa sem autorização, o pecado envolvido seria o roubo, não o homicídio. Embora as Escrituras ensinem o cuidado responsável com os animais e condenem maus-tratos, elas não proíbem seu abate para alimentação.

A definição bíblica de assassinato aplica-se exclusivamente à morte injustificada de seres humanos, criados à imagem de Deus. Por isso, Gênesis 9:6 estabelece a pena capital como resposta ao homicídio, deixando claro que a execução de uma sentença não constitui assassinato. Pelo mesmo princípio, nem toda guerra envolve homicídio, uma vez que algumas são legitimadas por mandamento ou autorização divina. A interpretação correta das Escrituras exige que cada passagem seja compreendida à luz de toda a Bíblia. Textos isolados não devem ser usados para sustentar posições preconcebidas. Curiosamente, muitos que distorcem o mandamento contra o assassinato ignoram outras condenações bíblicas claras, mas se colocam como autoridade moral absoluta nessa questão específica, revelando incoerência e hipocrisia.

Antes de sua prisão, Jesus orientou seus discípulos a se prepararem para tempos mais difíceis, dizendo que levassem bolsa e alforje e, caso não possuíssem espada, vendessem a capa para adquirir uma (Lucas 22:35–36). A tentativa de interpretar essa espada como algo simbólico não se sustenta, pois os demais objetos mencionados são literais. Além disso, não faz sentido vender um bem material para adquirir algo puramente figurativo ou uma disposição interior, o que enfraquece tais interpretações.

Jesus deixou explícito que seus discípulos deveriam se preparar para tempos difíceis. Sabendo que em breve não estaria mais fisicamente com eles, orientou-os a providenciar meios básicos de sobrevivência e proteção, como calçados e espadas. Isso indica que Deus concede ao ser humano a permissão de adquirir instrumentos — inclusive armas — com o objetivo de preservar a própria vida, ainda que esse direito esteja sujeito às normas estabelecidas pelas autoridades civis.

No episódio de sua prisão, Pedro reagiu impulsivamente e feriu um dos homens que participavam da captura de Jesus. Diante disso, Jesus interveio imediatamente, ordenando que a violência cessasse e restaurando o ferido (Lucas 22:47–51). O evangelho de Mateus acrescenta que Jesus disse a Pedro para guardar a espada, alertando que aqueles que vivem pela espada acabam sendo destruídos por ela (Mateus 26:52). Os pacifistas costumam usar esse episódio como prova de que Jesus rejeitava qualquer forma de uso da força. No entanto, embora fique claro que Jesus não permitiu resistência naquela situação específica, o texto não sustenta a ideia de que Ele condenava a autodefesa em todos os contextos. Afinal, foi o próprio Jesus quem ordenou que os discípulos comprassem espadas. Quando lhe mostraram duas, Ele respondeu: “Basta” (Lucas 22:38). A interpretação de que essa resposta indicaria um erro de compreensão espiritual por parte dos discípulos não se mantém, pois Jesus falava de espadas reais, compradas com dinheiro, e não de uma metáfora espiritual.

A afirmação de que “quem usa a espada, pela espada morrerá” possui caráter proverbial e não deve ser entendida como uma proibição absoluta do uso da força. Caso Jesus quisesse abolir definitivamente o porte ou uso de armas, teria ordenado que os discípulos se desfizessem delas, o que não aconteceu. Ele apenas exigiu que fossem guardadas naquele momento específico. O evangelho de João esclarece o verdadeiro motivo da repreensão a Pedro: Jesus precisava cumprir o propósito do Pai, aceitando o

sofrimento que lhe estava destinado (João 18:11). Ele já havia anunciado que passaria por grandes aflições, e aquela situação exigia submissão, não resistência. Sua prisão fazia parte do plano de redenção. Ignorar esse contexto é desconsiderar o sacrifício voluntário de Cristo em favor da humanidade.

Outra objeção frequente ao uso da força se baseia no mandamento de amar o próximo. Contudo, tanto a definição pacifista de violência quanto a de amor não correspondem ao ensino bíblico. A própria Escritura explica seus conceitos. O amor não substitui a lei de Deus, mas a cumpre. O Antigo Testamento, que trata de punições e conflitos, é o mesmo que ordena amar o próximo (Levítico 19:18). Não há, portanto, oposição entre lei e amor, nem entre Antigo e Novo Testamento. Romanos 13 ensina que o amor se manifesta na obediência à lei divina. Amar não significa abolir mandamentos, mas praticá-los. Sem a lei, o conceito de amor se torna indefinido e facilmente distorcido. Ao longo da história, muitos cometem graves pecados alegando agir por amor, mas isso não reflete o padrão bíblico. O Senhor Jesus afirmou que amar a Deus implica obedecer aos seus mandamentos (João 14:15). Por meio do Espírito Santo, o cristão recebe um novo coração e passa a desejar cumprir a vontade divina (Ezequiel 36:26–27). Assim, a Fé Cristã não elimina a lei, mas transforma o indivíduo para vivê-la corretamente. Quando a Bíblia declara que o amor não pratica o mal contra o próximo, ela também afirma que Deus concedeu às autoridades civis o poder da espada para punir o malfeitor (Romanos 13:4). Não há contradição nisso. O conflito surge apenas quando se impõe ao texto bíblico uma definição externa de amor que ignora seu próprio contexto.

Essa diferença de entendimento gera constantes atritos entre cristãos e não cristãos. Muitos utilizam uma noção antibíblica de amor para acusar os cristãos de intolerância quando estes denunciam o pecado. No entanto, segundo a Bíblia, amar inclui falar a verdade e confrontar o erro. Amor não exclui justiça, verdade ou juízo. Se alguém exige que os cristãos vivam segundo o mandamento do amor,

precisa aceitar que isso envolve obedecer a todo o ensino bíblico, inclusive a condenação do pecado. A Escritura afirma que Deus é amor, mas também ensina que Ele julga e pune o mal. Portanto, o amor bíblico é compatível com justiça e julgamento eterno.

Por fim, muitos pacifistas não cristãos rejeitam a autoridade das Escrituras e adotam ideologias transmitidas pela cultura e pelo sistema educacional, acreditando pensar de forma independente. No entanto, frequentemente apenas trocam a autoridade de Deus pela de professores, movimentos ou ideias dominantes. A verdadeira questão não é se alguém se submete a uma autoridade, mas qual autoridade escolhe seguir. Ou o ser humano se submete a Deus e alcança a mente de Cristo, ou permanece preso a enganos, mesmo acreditando ser livre e intelectualmente avançado.

Capítulo 4

O Propósito das Guerras

Quando falamos de guerras, quase sempre pensamos apenas em destruição, sofrimento e injustiça. De fato, a guerra é uma das experiências mais duras da história humana. No entanto, tanto a Bíblia quanto a história mostram que os conflitos armados não acontecem apenas por acaso ou por vontade humana isolada. Há, segundo a Fé Cristã, um propósito maior atuando por trás dos acontecimentos, mesmo quando esse propósito não é imediatamente compreendido.

No Antigo Testamento, a guerra aparece muitas vezes como um instrumento usado por Deus para corrigir, julgar ou disciplinar povos e nações. Isso não significa que Deus se agrade da violência, mas que Ele governa a história e utiliza até mesmo situações trágicas para cumprir Seus desígnios.

Deus como Senhor da História

Um ponto central das Escrituras Sagradas é que Deus não está distante da história humana. Ele não é apenas um observador, mas o Senhor dos acontecimentos. O profeta Isaías registra Deus dizendo:

“Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas”.

- Isaías 45:7

Esse texto não significa que Deus seja autor do pecado, mas que nada foge ao Seu controle. Até mesmo eventos dolorosos são permitidos por Ele com um propósito maior. Na visão bíblica, a história não é caótica, mas dirigida. Por isso, as guerras no Antigo Testamento não são apresentadas apenas como disputas políticas ou territoriais. Elas têm um significado espiritual e moral. Muitas vezes, Deus usa uma nação para disciplinar outra que se afastou da justiça, da verdade e da obediência.

Israel: Instrumento e Vítima

Israel é o melhor exemplo dessa dinâmica. Em vários momentos, o povo de Israel foi usado por Deus como instrumento de juízo contra outras nações. A conquista de Canaã, narrada no livro de Josué, é um desses casos. Deus deixa claro que os povos da terra estavam sendo julgados por causa de sua corrupção moral e espiritual:

“Não é por causa da tua justiça que o Senhor teu Deus te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo de dura cerviz”.

- Deuteronômio 9:6

Ou seja, Israel não era melhor do que os outros. Deus não agiu por favoritismo, mas por justiça.

No entanto, o mesmo Deus que usou Israel como instrumento também permitiu que Israel fosse castigado quando caiu em pecado. O reino do Norte foi destruído pelos assírios, e o reino do Sul foi levado ao cativeiro pela Babilônia. A Bíblia é clara ao explicar o motivo:

“O Senhor rejeitou toda a descendência de Israel, afligiu-os e os entregou nas mãos dos despojadores”.

- 2º Reis 17:20

Israel, portanto, experimentou os dois lados da ação de Deus na história: foi usado por Deus e também foi vítima da correção de Deus. Isso mostra que nenhuma nação está acima do juízo Divino.

A Guerra como Linguagem Dura da Correção

A Bíblia apresenta a guerra como uma linguagem extrema, usada quando outras formas de correção foram rejeitadas. Antes de permitir a destruição de Jerusalém, Deus enviou profetas durante anos, chamando o povo ao arrependimento. Jeremias, por exemplo, advertiu repetidas vezes que a desobediência levaria à ruína nacional.

“Desde cedo vos enviei todos os meus servos, os profetas, mas não ouvistes”.

- Jeremias 25:4

Quando a correção espiritual foi ignorada, veio à correção histórica. A guerra, nesse sentido, aparece como consequência do pecado coletivo e da recusa em mudar de caminho.

A Visão de Olavo de Carvalho sobre Guerra e Geopolítica

O filósofo brasileiro Olavo de Carvalho dialoga com essa visão ao afirmar que a geopolítica não pode ser compreendida apenas em termos econômicos ou estratégicos. Para ele, há sempre uma dimensão espiritual e moral por trás dos conflitos.

Olavo frequentemente dizia que a história não é movida apenas por interesses materiais, mas por ideias, crenças e valores. Segundo ele, quando uma civilização abandona seus fundamentos morais e espirituais, ela se torna frágil e vulnerável. Nesse sentido, a guerra surge como consequência de uma crise mais profunda.

Em diferentes textos e aulas, Olavo afirmou que Deus age na história mesmo quando os homens não percebem. Ele defendia que guerras podem funcionar como instrumentos de revelação: revelam a corrupção de uma sociedade, a decadência moral de uma elite ou a falsidade de ideologias dominantes. Embora não romantizasse a guerra, ele insistia que ignorar sua dimensão espiritual é um erro grave.

Essa ideia se aproxima muito da visão bíblica: os conflitos não surgem do nada, mas são sinais de algo que já está errado há muito tempo.

Geopolítica, Pecado e Responsabilidade Coletiva

Quando olhamos para a história mundial, vemos impérios surgindo e caindo. A Bíblia interpreta esses movimentos como parte do governo soberano de Deus. O livro de Daniel afirma:

“Ele muda os tempos e as estações; remove reis e estabelece reis”.
- Daniel 2:21

Nenhuma potência é eterna. Quando uma nação se afasta da justiça, da verdade e do respeito à vida, ela começa a se autodestruir. A guerra, muitas vezes, é apenas o estágio final de um processo longo de decadência. Isso não significa que todas as vítimas sejam culpadas individualmente. A Bíblia reconhece o sofrimento dos inocentes. Mas

também ensina que existe responsabilidade coletiva. O pecado social, quando se acumula, produz consequências históricas.

Conclusão Deste Capítulo

Falar de guerra à luz das Escrituras Sagradas não é justificar a violência, mas reconhecer que o mundo está ferido pelo pecado. Deus não cria o mal moral, mas usa até mesmo os desastres humanos para cumprir Seus propósitos de justiça, correção e, em última instância, redenção. A nação de Israel aprendeu isso da forma mais dura possível. A história confirma essa lição repetidas vezes. Como Olavo de Carvalho alertava, ignorar a dimensão espiritual da história é condenar-se a não entender nada do presente.

A Bíblia aponta para um futuro em que a guerra deixará de existir (veremos sobre isso no Capítulo 6):

“Ele julgará entre as nações... e converterão as suas espadas em relhas de arado”.

- Isaías 2:4

Até lá, a guerra permanece como um lembrete trágico de que a humanidade não pode se afastar de Deus sem pagar um preço. A história, a Bíblia e a reflexão filosófica convergem em um mesmo aviso: nenhuma nação é invencível, nenhuma civilização é eterna, e toda ação humana será, cedo ou tarde, confrontada pela justiça de Deus.

Capítulo 5

As Grandes Guerras Mundiais Não Podem Colocar em Cheque o Progresso do Reino

Os que rejeitam o Pós-milenismo geralmente recorrem às guerras de grande escala da história moderna para sustentar suas críticas. Com frequência, eles associam esses conflitos às declarações de Jesus sobre guerras, rumores de guerras, confrontos entre nações e reinos, além de fomes e terremotos, entendendo esses sinais como indicadores do fim. No entanto, como vimos anteriormente o próprio Cristo advertiu que tais acontecimentos não deveriam causar pânico, pois fariam parte de um processo e não representariam imediatamente o desfecho final (Mateus 24:6–8).

O que muitas vezes passa despercebido nessa leitura é o limite temporal estabelecido pelo próprio Jesus, ao afirmar que aquela geração não passaria sem que tudo aquilo se cumprisse (Mateus 24:34). Considerando que conflitos armados sempre existiram ao longo da história humana, torna-se plausível compreender que a profecia registrada em Mateus 24 se refere, de forma primária, ao contexto vívido pelos primeiros cristãos.

Naquele período histórico, o Império Romano vivia uma fase de relativa estabilidade conhecida como Pax Romana. Essa paz, sustentada pelo poder militar romano, garantiu ordem e controle sobre grande parte do mundo conhecido. Contudo, registros

históricos indicam que essa estabilidade começou a ruir na região de Israel pouco antes da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., quando a guerra voltou a marcar aquela terra.

Ao observar o cenário contemporâneo, especialmente às duas guerras mundiais do século XX, percebe-se que foram eventos excepcionais em escala e impacto. Desde então, apesar de inúmeros conflitos regionais, a humanidade não enfrentou novamente guerras globais daquela magnitude por mais de setenta anos. Diante disso, surge uma reflexão legítima: o choque provocado por essas guerras teria levado a humanidade a um novo nível de consciência e responsabilidade, evitando a repetição de tragédias semelhantes?

O autor e especialista no assunto, Steven Pinker, demonstrou em seus livros que as nações hoje preferem negociar ao invés de guerrearem:

“Não só as grandes potências pararam de lutar entre si, mas também a guerra, no sentido clássico de conflito armado entre exércitos uniformizados de dois Estados-nação, parece estar obsoleta. Não houve mais de três em qualquer dado ano desde 1945, nenhuma ocorreu na maioria dos anos desde 1989, e também não houve nenhuma desde a invasão do Iraque encabeçada pelos americanos em 2003, o período mais longo sem uma guerra entre Estados desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Hoje escaramuças entre exércitos nacionais matam dezenas de pessoas em vez das centenas, dos milhares ou dos milhões que morreram nas guerras gerais em que Estados-nação se envolveram ao longo de toda a história. A Longa Paz certamente vem sendo posta à prova desde 2011 — por exemplo, em conflitos entre Armênia e Azerbaijão, Rússia e Ucrânia e as duas Coreias —, porém, em cada caso, os beligerantes recuaram em vez de partir para a guerra total. Obviamente, isso não significa que é impossível um conflito intensificar-se até se transformar em uma grande guerra, apenas que

uma situação dessas é considerada extraordinária, algo que os países tentam evitar a (quase) todo custo”.⁷

Geralmente lembramos apenas da destruição causada pelas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, mas esquecemos de que, por causa desse poder devastador, as nações evitam guerras nucleares. Segundo especialistas, isso impediu muitos conflitos desse tipo e salvou milhões de vidas em todo o mundo.

Sobre este assunto o autor Steven Pinker acrescenta:

“...fato fundamental da era nuclear é que nenhuma arma atômica foi usada desde Nagasaki. Se os ponteiros de um relógio apontam para poucos minutos antes da meia-noite há 72 anos, algo está errado com esse mecanismo. O mundo talvez tenha sido abençoado com uma milagrosa temporada de sorte — ninguém jamais saberá —, mas antes de nos resignarmos a essa conclusão científicamente depreciável devemos pelo menos considerar a possibilidade de que as características sistemáticas dos mecanismos internacionais existentes tenham funcionado contra o uso dessas armas”.⁸

Apesar disso, os crentes pessimistas criticam o Pós-milenismo e dizem que a Era Dourada de paz está muito longe de acontecer — caso essa visão escatológica seja verdadeira. Mas eles vivem apenas do que veem, em vez de viverem pela fé. E, já que vivem pelo que veem, pelo menos poderiam, junto com Steven Pinker, prestar atenção ao fato de que “logo depois que as bombas atômicas foram jogadas no Japão” [...] os Estados Unidos e a União Soviética iniciaram uma corrida armamentista nuclear, [e] uma nova forma de pessimismo histórico criou raízes”.⁹ Tal pessimismo acabou também criando

⁷ O Novo Iluminismo – Em defesa da razão, da ciência e do humanismo, pg. 199. Steven Pinker. Companhia das Letras.

⁸ Idem nº 7, pág. 388.

⁹ Idem nº 7, pág. 384.

raízes entre os cristãos que dizem confiar nos planos de Deus. E, assim, como acontece com muitos cristãos e pregadores, Pinker nos diz que “os céticos podem não se impressionar com uma forma de progresso que ainda deixa o mundo com 10 200 ogivas atômicas, pois, como o adesivo de carro dos anos 1980 ressaltava, uma bomba nuclear pode arruinar o seu dia por completo. Mas, com menos 54 mil bombas nucleares no planeta do que em 1986, há muito menos chance de acidentes que possam arruinar o dia das pessoas, e estabeleceu-se um precedente para o desarmamento contínuo”.¹⁰

Pinker acrescenta que “muitos se recusam a acreditar até que o progresso em direção à paz, ainda que espasmódico, pode ser possível. Asseveram que a natureza humana inclui um impulso insaciável de conquista”.¹¹

Infelizmente, muitas lideranças evangélicas desconhecem os dados mencionados sobre as guerras. Ignoram o quanto a paz pode ser uma realidade possível porque não creem plenamente no poder de Cristo. Essas lideranças acabam se tornando as maiores perdedoras ao longo do tempo, pois pregam o caos e a miséria, alimentando a expectativa de uma Volta de Jesus que ocorreria em meio à desordem e ao colapso do mundo.

Esses pregadores do caos oprimem a Igreja de Cristo ao mantê-la sob constante ameaça do fim do mundo, substituindo a esperança do Reino pela ansiedade e pelo medo.

Entre esses pregadores do caos, cito a afirmação pessimista do reverendo Augustus Nicodemus Lopes a respeito do progresso do Reino de Deus conforme ensinado no Pós-milenismo:

¹⁰ Idem nº 7, pág. 395.

¹¹ Idem nº 7, pág. 209.

“O problema com o Pós-milenismo é que são várias coisas. Primeiro, o curso da história. Toda vez que o Pós-milenismo era popular veio uma guerra mundial e os pós-milenistas acabaram. Você vê antes da Primeira Guerra Mundial que o Pós-milenismo era a posição dominante entre os reformados. Depois da Primeira Guerra Mundial, se tornou a minoria. Começou a crescer de novo e veio a Segunda Guerra Mundial, caiu de novo.

[É] porque a história está contra o Pós-milenismo [...], [no] Cristianismo por mais que a gente evangelize, por mais que a Igreja venha crescendo e pregando, hoje nos 6 bilhões de pessoas que existem no mundo, nem metade se considera cristã. Então pode levar ainda muito [...] [apenas] 2,7 bilhões se consideram cristãos.

Então, se o Pós-milenismo está correto, a Vinda de Cristo vai demorar muito ainda e a gente tem muita coisa pra fazer”.¹²

Esse pastor, embora respeitado, desconhece profundamente o Pós-milenismo e suas implicações para o crescimento e o progresso do Reino de Deus. Enquanto isso, o povo evangélico permanece refém de falsas predições e especulações acumuladas ao longo de dois mil anos da história da Igreja, produzidas por diversas correntes escatológicas.

O Dispensacionalismo, o Amileno, o Historicismo e o Pré-milenismo são posições marcadamente pessimistas, que até o momento têm causado verdadeiros embaraços ao testemunho cristão. O grande problema é que os defensores dessas correntes escatológicas continuam ignorando seus equívocos e passam a cometer novos erros à medida que o cenário mundial se transforma.

¹² Perguntas #4 - Sobre o pós-milenismo. Site:
<https://www.youtube.com/watch?v=Aut2rdBAnDk&t=286s>
Acessado dia 08/01/202

Por isto, é lamentável constatar o quanto muitos evangélicos estão mergulhados em um pessimismo extremo, que os impede de enxergar a realidade do mundo. Um exemplo disso pode ser visto no teólogo dispensacionalista Paul N. Benware que, ao se posicionar contra o Pós-milenismo, escreveu:

“...a ideia de que o mundo está cada vez melhor não parece se alinhar com a realidade. Ao contrário, a evidência aponta para o mundo que se torna cada vez mais maligno”.¹³

Como era de se esperar, outro autor dispensacionalista também compartilhou seu pessimismo:

“Não, eu não acredito ser possível melhorar este mundo por uma razão muito simples: **Deus não acredita ser possível melhorar este mundo.** Quando falamos de conversão, falamos de algo que vai muito além das circunstâncias, do aqui e agora. Neste sentido é muito interessante olhar o panorama bíblico do alto, ter um olhar de Deus. **Aí você descobre que Deus já testou a humanidade de diversas maneiras até desistir de esperar alguma coisa do homem”.**¹⁴

- o grifo é meu.

O Deus que esses autores pessimistas creem é da estatura do homem, pois é um “Deus [que] não acredita ser possível melhorar este mundo”, desiste de “esperar alguma coisa do homem”, ou depende da “evidência [que] aponta para o mundo que se torna cada vez mais maligno”. Em outras palavras, o Deus Todo-poderoso é frágil, limitado e depende do homem para que Seus planos sejam

¹³ Pós-milenarismo para Leigos – Você pode entender a Profecia Bíblica, pg. 82.

Kenneth L. Gentry Jr. Editora Monergismo. © 2008, publicada por Edições Vida Nova, salvo indicação em contrário.

¹⁴ Você acredita que é possível melhorar este mundo? Por Mario Persona. Site: <https://www.respondi.com.br/2005/07/voc-acredita-que-possivel-melhorar-este.html>
Acessado dia 13/01/2023

cumpridos. Muitos desses pessimistas, talvez, precisem se converter para que como Jó possam dizer:

“Então Jó respondeu ao Senhor: Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado”.

- Jó 42:1-2

Mas o que podemos esperar de nossos líderes religiosos? Já ouvi alguns afirmarem que a Grande Comissão, dada por Jesus à Igreja em Mateus 28:18–20, fracassou. Como se não bastasse o fracasso do povo de Israel em tornar conhecidas as grandezas de Deus entre todas as nações, agora também a Igreja — o Corpo de Cristo — estaria destinada ao fracasso?

Enquanto Deus afirma que “o meu justo viverá pela fé” (Hebreus 10:38–39), muitos pastores, ao observarem os ventos das guerras, terremotos, pestes e violências, parecem acreditar firmemente que Deus não fará nada, colocando assim em xeque o progresso do Reino de Deus. Eles simplesmente não conseguem perceber que muitos conflitos e guerras podem ser instrumentos das mãos de Deus ajustando o curso da história, pois Cristo “julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos” (Isaías 2:4).

Embora o reverendo Augustus Nicodemus Lopes e outros vejam o aparente fracasso do Pós-milenismo, em razão de ele ter sido abandonado por muitos crentes após as duas grandes guerras mundiais, o fato é que inúmeras obras pós-milenaristas foram escritas justamente naquele período de profundo pessimismo. E, como a esperança não morre, o Pós-milenismo — com sua poderosa mensagem do Reino de Deus em desenvolvimento — tem sido notoriamente defendido por diversos teólogos e pensadores cristãos.

Capítulo 6

Haverá Ausência Total de Guerras Antes do Retorno do Senhor Jesus

“Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

- Isaías 2:4

Por causa de uma escatologia muito ruim e pessimista, muitos perderam a profundidade desse texto de Isaías. Frequentemente, interpreta-se que a ausência total de guerras se dará quando Jesus voltar e implantar abruptamente o Seu Reino neste mundo. Pastores, teólogos, professores de teologia e membros das igrejas em geral não creem que seja possível implantar o período de paz descrito em Isaías sem que isso ocorra de forma abrupta e súbita. Como observei anteriormente, eles simplesmente não conseguem ter fé na possível melhora do mundo, principalmente quando olham para o estado atual das coisas. Quando se pensa na implantação da paz total a longo prazo, conforme o Reino cresce e o Evangelho conquista as nações, eu não sei por que cargas d’água esses crentes sempre pensam que essa paz seria implantada por intermédio do potencial humano. O mesmo poder de Deus que poderia intervir de forma abrupta na Terra é o mesmo que pode implantar a paz a longo prazo.

Mas só nos restam uma de duas alternativas:

- 1) A paz total virá quando Jesus voltar e estabelecer Seu Reino (como a maioria dos crentes sugere);
- 2) A paz está sendo implantada progressivamente desde os tempos de Cristo e atingirá seu ápice quando todas as nações se converterem ao Senhor antes de Sua volta.

Daqui em diante, vou demonstrar bíblicamente que a segunda alternativa é a correta. Para começar, voltemos nossa atenção a Isaías 2, desde o início do capítulo. O texto diz:

“Foi isto que Isaías, filho de Amoz, viu a respeito de Judá e de Jerusalém: Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele”.

— Isaías 2:1–2

Aqueles que defendem que a paz total só virá quando Jesus voltar para estabelecer Seu Reino costumam recorrer à expressão “últimos dias” como prova de que essa paz não acontecerá antes da Segunda Vinda de Cristo. Contudo, o equívoco dessa interpretação está no fato de que a expressão “últimos dias” não diz respeito ao fim da história humana, pouco antes da Volta de Cristo.

A frase “últimos dias” deve ser entendida em dois ângulos:

- 1) Os últimos dias é uma referência ao fim de Israel antes do castigo, exílio;
- 2) Os últimos dias é todo o período da história desde o nascimento de Cristo até a Sua Segunda Vinda.

Os Últimos Dias como Referência ao Fim de Israel

Em diversas passagens das Escrituras, a expressão hebraica tradicionalmente traduzida como “últimos dias” não carrega, necessariamente, um significado escatológico. Na maioria dos casos, ela aponta apenas para um tempo posterior, podendo ser entendida como “no futuro”, “mais tarde” ou “nos dias vindouros”. Conforme observam alguns estudiosos, o hebraico do Antigo Testamento não dispõe de um termo específico para designar o futuro ou um futuro remoto. A expressão “nos últimos dias” deve ser interpretada não em chave escatológica, mas simplesmente como uma referência genérica ao futuro. No Antigo Testamento, encontram-se alusões tanto aos “dias passados” (Deuteronômio 4:32), que remetem ao passado, quanto aos “dias futuros” (Deuteronômio 4:30), os quais expressam a expectativa dos acontecimentos que ainda haveriam de se cumprir. Essa compreensão é reforçada quando Moisés descreve os eventos que ocorreriam após a sua morte:

“Porque eu sei que depois da minha morte certamente vos corrompereis, e vos desviareis do caminho que vos ordenei; então este mal vos alcançará **nos últimos dias**, quando fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos”.

- Deuteronômio 31:29 – o grifo é meu.

Ao afirmar aos israelitas que o “mal vos alcançará nos últimos dias”, Moisés não tinha em vista um futuro longínquo, situado milhares de anos à frente, nem pretendia anunciar eventos pertencentes a um tempo remoto como muitos pensam. No contexto do livro de Deuteronômio, a expressão “últimos dias” aponta para um período histórico concreto e bem definido, identificado com a era dos juízes. Essa interpretação é confirmada pelo testemunho bíblico que descreve a condição espiritual de Israel após a morte de Josué:

“Por isso a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e disse: Por quanto este povo transgrediu a minha aliança, que tinha ordenado a seus pais, e não deram ouvidos à minha voz, Tampouco desapossarei mais de diante deles a nenhuma das nações, que Josué deixou, quando morreu...”.

- Juízes 2:20-21

O sonho de Nabucodonosor, interpretado pelo profeta Daniel, revela os acontecimentos que se desenrolariam nos “últimos dias” (Daniel 2:28). A profecia apresentada em Daniel, capítulo 2, encontrou seu cumprimento histórico no período subsequente ao domínio babilônico, isto é, no término do império da Babilônia, quando este foi conquistado pelos medos e persas, culminando na morte de Belsazar (Daniel 5:25–31). Em seguida, os medos e persas foram derrotados pelos gregos, e posteriormente os gregos foram vencidos por Roma. À época do ministério de Jesus, o Império Romano exercia supremacia política, correspondendo ao quarto reino descrito no sonho de Nabucodonosor (Daniel 2:40–43). Assim, não há fundamento exegético para projetar essa profecia quase dois mil anos além da chamada era da Igreja, ignorando a sequência histórica claramente delineada no sonho.

Outro exemplo encontramos em Jeremias 48:47, onde o Senhor prometeu “restaurar a sorte de Moabe nos últimos dias”. Para Elão é feita uma promessa semelhante:

“Acontecerá, porém, nos últimos dias, que farei voltar os cativos de Elão, diz o Senhor”.

- Jeremias 49:39

O cumprimento desta última profecia aconteceu nos tempos do Novo Testamento, o tempo que Joel profetizou que seria os “últimos dias” (Joel 2: 28–32). No dia de Pentecostes o apóstolo Pedro

explicou que o que estava acontecendo era o auge da Antiga Aliança, também chamados “os últimos dias”:

“Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos...”.

- Atos 2:16-17

Veja abaixo uma tabela interessante sobre o uso da frase “últimos dias” e seu cumprimento dentro da própria Bíblia:

Nos “últimos dias”	Cumprimento
Gênesis 49:1	Os descendentes imediatos de Jacó
Números 24:14	Davi destruiu os Moabitas
Deuteronômio 4:30	Período dos juízes
Deuteronômio 31:29	Período dos juízes e seguintes
Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1	Período do Messias
Jeremias 23:30; 30:24	Babilônia
Jeremias 48:47	Pentecostes
Jeremias 49:39	Pentecostes
Daniel 2:28	Sucessão de potências mundiais antigas
Daniel 8:17, 19	Antíoco Epifanes (175-164 a.C.)
Daniel 10:14	Ciro a Antíoco Epífanes
Oséias 3:5	Atos 2

E não somente Pedro disse que estava vivendo nos últimos dias, mas todo o Novo Testamento repete essa verdade.

O escritor da epístola aos Hebreus compreendia seu próprio tempo como pertencente aos chamados “últimos dias”, conforme declara ao afirmar:

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho...”.

- Hebreus 1:1 – o grifo é meu.

No período dos apóstolos, a expressão “últimos dias” não apontava para um futuro distante, mas para a fase final da Antiga Aliança, que estava chegando ao seu término (cf. 1^a Coríntios 10:11). As bênçãos características desse tempo não ficaram restritas a um único povo, mas alcançaram homens e mulheres de várias regiões e origens, como registrado no evento de Pentecostes:

“Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus”.

- Atos 2:9-11

Além desses grupos, o texto bíblico afirma que havia ali “judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (Atos 2:5). Com base nessas informações, pode-se afirmar que pessoas provenientes de povos como Moabe e Elão estiveram presentes, ouviram a mensagem do evangelho e receberam a Jesus Cristo no dia de Pentecostes.

Os próprios futuristas de linha dispensacionalista nem sempre interpretam a frase “últimos dias” como se referindo a eventos de um futuro distante no fim do mundo. O famoso escritor dispensacionalista Thomas Ice, escreveu:

“Às vezes, os cristãos leem na Bíblia sobre os “últimos dias” ou “fim dos tempos”, e tendem a pensar que todas essas frases, o tempo todo, seriam a mesma coisa. Este não é o caso, assim como em nossas próprias vidas, existem muitos finais: existe o final do dia de trabalho, o final do dia de acordo com o relógio, o final de semana, etc. Só porque a palavra “final” é usada não significa que sempre se refere ao mesmo tempo.

A palavra “fim” é restrita e definida com precisão quando é modificada por “dia”, “semana”, “ano” etc. etc. Assim está na Bíblia o “fim dos tempos” podendo se referir ao fim da era da igreja ou para outros momentos”.¹⁵

Outro futurista chamado Joel Rosenberg mostra semelhante interpretação usando a frase “últimos dias” de Ezequiel 38 e 39:

“É importante observar que o termo hebraico traduzido como “os últimos dias” também podem ser traduzidos como “no futuro distante” (NLT) ou “nos próximos dias” (NIV)”.¹⁶

A expressão “últimos dias” não deve ser compreendida, por definição, como uma referência obrigatória a um futuro distante associado ao fim do mundo. Em Provérbios 31:25, por exemplo, lemos que a mulher virtuosa “sorri no futuro”. No entanto, a tradução literal da expressão hebraica ali utilizada seria “nos últimos dias”. O próprio contexto do provérbio deixa evidente que essa expressão não aponta para o fim da história humana, mas para acontecimentos futuros dentro do curso normal da vida.

Por essa razão, os tradutores, com sensibilidade ao contexto, optam por verter a expressão como “no futuro” ou “coisas por vir”. A palavra hebraica empregada por Salomão em Provérbios 31:25 é *acharown*, termo muito próximo daquele usado em Ezequiel 38:16, *achariyth*. No texto de Ezequiel, a intenção do profeta não era descrever eventos dos últimos dias da humanidade, mas acontecimentos que se dariam no seu próprio futuro histórico.

¹⁵ Thomas Ice, “Are We Living in the Biblical ‘Last Days’?,” National Liberty Journal (September 2006), 4.

¹⁶ Rosenberg, Epicenter, 252.

Os “Últimos Dias” como Todo o Período Depois do Nascimento de Cristo até o Fim

No tópico anterior, vimos que o uso da expressão “últimos dias” no Novo Testamento indica claramente que os primeiros cristãos compreendiam estar vivendo os “últimos dias” da Era Judaica, e não o fim do mundo. A destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., assinalou o encerramento definitivo do sistema do templo, dos sacrifícios e da antiga ordem nacional judaica.

Entretanto, o significado da expressão “últimos dias” não se limita exclusivamente à Era Judaica. Após o nascimento de Jesus Cristo, essa expressão passa a assumir um alcance mais amplo nas Escrituras. De acordo com a revelação bíblica, todo o período da Igreja — desde a primeira Vinda de Cristo até a Segunda Vinda — é descrito como os “últimos tempos” ou “últimos dias”. Essa compreensão é claramente apresentada em uma profecia das Escrituras, conforme declara o profeta Isaías. Observe atentamente as palavras destacadas:

“Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Deus, nos **PRIMEIROS TEMPOS**, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, **nos ÚLTIMOS**, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios.

O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz.

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”.

- Isaías 9.1-2,6-7 – o grifo é meu.

O Evangelho de Mateus mostra o cumprimento dessa profecia:

“...e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios!

O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz. Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.

- Mateus 4:13-17

Por inferência entendemos que quando Isaías usa os termos “primeiros tempos” e “últimos” “tempos”, a premissa é que toda a história da humanidade está centralizada na Pessoa de Jesus Cristo.

Quando Isaías menciona os “primeiros tempos”, ele está se referindo a toda a história que precede a primeira Vinda de Jesus Cristo. Por outro lado, ao falar dos “últimos tempos”, o profeta se refere a toda a história que se estende desde a primeira Vinda de Cristo até a sua Volta. Por isso, não se deve interpretar automaticamente que passagens sobre os últimos tempos ou últimos dias tratam apenas dos momentos imediatamente anteriores à Segunda Vinda.

Muitos acreditam que “últimos dias” indique os últimos instantes da história porque a palavra “dias” sugere um período curto. Entretanto, a própria Bíblia mostra que essa expressão pode designar longos períodos de tempo, inclusive de séculos. Um exemplo claro está em Gênesis: “E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos, e morreu” (Gênesis 5:5).

Todos os personagens da genealogia de Gênesis 5 viveram por séculos, e a palavra hebraica *yom*, traduzida como “dias”, é usada justamente para indicar períodos prolongados, não apenas dias literais ou breves.

O Monte da Casa do Senhor

Uma vez definido que os “últimos dias” não se referem aos momentos finais da história ou ao fim do mundo, mas sim ao período dos últimos dias da Era Judaica e, de forma mais ampla, ao tempo que se estende desde o nascimento de Cristo até o Seu retorno, podemos agora voltar nossa atenção para a profecia de Isaías, capítulo 2. Isaías 2:2 diz:

“Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos”.

- Isaías 2:2

O “monte da Casa do Senhor [que] será estabelecido no cimo dos montes, visível acima de tudo” é o Monte Sião, a Nova Jerusalém. E isso ocorre no período chamado de “últimos dias”, ou seja, o tempo após o nascimento de Cristo. Mas seria a Nova Jerusalém, o Sião celestial, já presente entre nós? Sim. Essas verdades, que muitos pensam só se manifestarem após a Segunda Vinda de Cristo, já são uma realidade no tempo da Igreja, desde o primeiro século.

O escritor de Hebreus confirma isso ao declarar:

“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o

Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel”.

– Hebreus 12:22-24

Quando o autor de Hebreus diz “tendes chegado” aos seus primeiros leitores, ele deixa claro que os cristãos já participam da realidade da Nova Jerusalém, que desceu do Céu e se manifesta espiritualmente entre o povo de Deus.

A profecia de Isaías 2 diz também que para essa cidade “afluirão todos os povos”. Isto é o resultado da pregação do Evangelho a todas as nações. E o resultado é:

“Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém”.

- Isaías 2:3

Uma interpretação literalista desse texto poderia afirmar que “Sião” e “Jerusalém” estão localizados no Oriente Médio e que de lá “sairá a lei”. No entanto, o Sião de onde a lei realmente emana já está estabelecido em uma realidade muito mais ampla e internacional. A Igreja, espalhada por todo o mundo, é o verdadeiro canal da pregação e da autoridade do Senhor. A Nova Jerusalém, que representa a Igreja, mantém suas portas abertas dia e noite, estendendo-se em todos os pontos cardeais, acolhendo todos os povos.

No Antigo Testamento, os israelitas foram escolhidos por Deus para conquistar a Terra Prometida, não apenas como posse territorial, mas como parte de um propósito maior: serem um reino santo e sacerdócio para servir a Deus e manifestar Sua glória ao mundo. Deus disse a Israel:

“Vós me sereis um reino de sacerdotes e nação santa”.

- Exodo 19:6

Essa vocação não era apenas para proteger a terra, mas para ser um exemplo espiritual, irradiando luz e conhecimento de Deus para todas as nações. Como Isaías profetizou sobre o alcance universal dessa missão:

“Eu farei de ti luz para os gentios, para que a minha salvação alcance até os confins da terra”.

- Isaías 49:6

Portanto, Israel foi designado para conquistar e habitar a Terra Prometida, mas sobretudo para ser canal de bênção e conhecimento de Deus, demonstrando ao mundo o caráter santo e salvador de Javé.

Produzindo os frutos que Israel não produziu, de maneira análoga, os cristãos agora estão ocupando o mundo gentio, cumprindo o papel espiritual que outrora era de Israel. Assim como Israel foi chamado para ser luz para as nações, a Igreja hoje leva essa luz ao mundo inteiro, obedecendo à Grande Comissão de Jesus:

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho ordenado”.

- Mateus 28:19-20

Dessa forma, a Igreja se torna o novo reino e sacerdócio santo, recebendo essa designação nas Escrituras:

“Mas vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

- 1^a Pedro 2:9

Portanto, a Igreja não está limitada a uma terra geográfica, como Israel, mas é espalhada por todos os povos, cumprindo a missão de Deus de levar Sua luz e salvação a toda a humanidade, tornando-se o canal da presença e do reino de Deus no mundo.

Um Cumprimento Progressivo Antes da Paz Total

Enquanto a Igreja cumpre a Grande Comissão, pregando e discipulando as nações, mais e mais pessoas, ao longo destes últimos dias, são acrescentadas à Igreja. Como descrito na parábola da semente de mostarda, o Reino cresce de forma progressiva e discreta:

“Qual é, pois, o Reino de Deus? É como um grão de mostarda que um homem tomou e lançou no seu campo; este, embora seja a menor de todas as sementes, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, e faz galhos, de sorte que as aves do céu podem pousar à sua sombra”.

– Mateus 13:31-32

Na parábola do fermento, vemos novamente o crescimento gradual e transformador do Reino:

“O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até que toda a massa ficou levedada”.

– Mateus 13:33

Assim, o Reino de Deus avança silenciosa e continuamente, ocupando e transformando o mundo. Essa imagem progressiva de expansão é também ilustrada no livro de Daniel.

Em Daniel 2:44, lemos:

“E, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que jamais será destruído, e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre”.

O contexto imediato (Daniel 2:34-35) mostra que este Reino é simbolizado por uma pedra cortada sem mãos, que atinge a estátua dos reinos humanos, esmiúça todos os seus elementos e, finalmente, “se torna um grande monte, e enche toda a terra”.

Essa passagem evidencia que o Reino de Deus começa pequeno, mas cresce progressivamente até ocupar toda a terra, manifestando plenamente o domínio de Deus sobre todas as nações. Hoje, esse Reino se manifesta na Igreja, que, assim como a pedra, cresce e se espalha pelo mundo, cumprindo a missão de levar a luz de Deus a todas as nações. A profecia de Daniel conecta-se perfeitamente às parábolas de Jesus sobre a semente de mostarda e o fermento, ilustrando que o Reino, mesmo iniciado de forma modesta, transforma e domina toda a realidade ao seu redor.

O crescimento progressivo do Reino traz restauração gradual a todas as nações. Conforme Atos 3:20-21:

“E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio”.

Este texto nos mostra que o homem Jesus permanece contido no Céu até Sua Volta. Enquanto Ele está contido no Céu, Ele reina, vencendo todos os Seus inimigos. Quando o julgamento de Cristo entre as nações atingir seu ápice no último dia, Ele entregará o Reino a Deus Pai:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés”.

– 1^a Coríntios 15:24-25

Assim, cada inimigo vencido, cada área humana resgatada por Cristo, cada pessoa acrescentada à Igreja, gera transformação, novo nascimento e novas criaturas. O mundo vai mudando gradualmente. Podemos perceber isso nas leis, nas artes e na cultura humana, onde a Fé Cristã deixou e ainda deixa sua marca transformadora. E haverá um dia em que toda essa obra de restauração e expansão do Reino atingirá seu ápice, quando Cristo consumará todas as coisas.

O Toque Final – Paz Total!

“Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

- Isaías 2:4

Os profetas do Antigo Testamento viam a profecia de modo “comprimido” ou “telescópico”. Isto significa que os eventos futuros distintos são anunciados como se estivessem muito próximos ou acontecendo juntos. O profeta vê o futuro como quem observa montanhas à distância: os picos parecem unidos, mas entre eles há longos intervalos de tempo. Assim, numa mesma profecia podem aparecer fatos imediatos e acontecimentos messiânicos ou escatológicos. Essa forma de revelação destaca mais o sentido teológico do que a cronologia exata dos eventos.

Vou dar dois exemplos dessas profecias na Bíblia:

- 1) **Profecia comprimida** - em Isaías 9:6, o nascimento do Messias e o seu Reino eterno aparecem juntos.
- 2) **Profecia telescópica** - Isaías 61:1–2 apresenta a primeira Vinda de Cristo e o juízo futuro como se fossem um único acontecimento.

No caso da profecia de Isaías 2:2-4, em geral, é entendido como uma profecia telescópica (ou comprimida) — e os dois termos acabam sendo usados quase como sinônimos nesse caso. O texto apresenta vários eventos futuros juntos, como se fossem uma única cena contínua, sem deixar explícito o intervalo de tempo entre eles. O profeta “vê tudo de uma vez”, mas o cumprimento acontece em etapas. A seguir, vou analisar cada uma dessas etapas e associá-las com outros textos proféticos que dão mais detalhes.

“Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele.

- Isaías 2:2

Já vimos que os “últimos dias” começam a partir do momento da Vinda de Cristo. A Igreja é então estabelecida como a cidade no alta da montanha, visível a todos os povos.

“Virão muitos povos e dirão: “Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas”. Pois, a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor”.

- Isaías 2:3

Começa então processo de evangelização e discipulado das nações (Mateus 28:16-20). Como resultado, progressivamente, “Virão muitos povos”. O Salmo 22:27-31 conta como acontece essa história:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.

Todos os ricos da terra se banquetearão e o adorarão; haverão de ajoelhar-se diante dele todos os que descem ao pó, cuja vida se esvai.

A posteridade o servirá; gerações futuras ouvirão falar do Senhor, e a um povo que ainda não nasceu proclamarão seus feitos de justiça, pois ele agiu poderosamente”.

- Salmos 22:27-31

O salmista vê o cumprimento da Grande Comissão num estágio bem avançado. O cumprimento dessas profecias é resultado de muito trabalho de evangelização e discipulado das nações. Nossos mestres, teólogos, pastores e professores de teologia em geral se desanimam só de pensar que há muito trabalho pela frente e que o término da Grande Comissão será muito demorado. O pastor Augustus Nicodemus Lopes, conforme vimos, expressou isso dizendo que no “Cristianismo por mais que a gente evangelize, por mais que a Igreja venha crescendo e pregando, hoje nos 6 bilhões de pessoas que existem no mundo, nem metade se considera cristã. Então pode levar ainda muito [...] [apenas] 2,7 bilhões se consideram cristãos”.¹⁷ Nicodemus acrescenta:

“Então, se o Pós-milenismo está correto, a Vinda de Cristo vai demorar muito ainda e a gente tem muita coisa pra fazer”.¹⁸

Essa ideia de Nicodemus vem de uma escatologia imediatista, em que o fim virá logo, podendo ser em nossa própria geração. Mas a Igreja primitiva pensou a longo prazo, pois sabia que haveria séculos vindouros pela frente:

¹⁷ Idem nº 12.

¹⁸ Idem nº 12.

“...o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro”.

- Efésios 1:20-21 - o grifo é meu.

“...e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.

- Efésios 2:6-7 – o grifo é meu.

Diferente dos mestres de hoje, os primeiros cristãos tinham razões para sentir desânimo quanto ao cumprimento da Grande Comissão, uma vez que o contexto histórico e social em que viviam era extremamente distinto do que se observa dois mil anos depois. Os pastores Jonathan Welton e Jim Wies observaram o seguinte:

“No ano 100 AD, 1/360 da população mundial era cristã. Por volta do ano 1000 AD, 1/220 da população mundial era cristã. Em 1500, a percentagem de cristãos aumentou para 1/69 da população mundial. Por volta de 1900, com uma população mundial de pouco mais de um bilhão, o cristianismo tinha subido para 1/27 da população. Em 1990, a percentagem de cristãos aumentou para 1/7 da população mundial. Como já foi dito, estima-se agora que há sete bilhões de pessoas no planeta Terra e que um total de um terço deles (uma em cada três pessoas no mundo) são seguidores de Jesus!”¹⁹

Conforme já escrevi em outro e-book, não é de se admirar o pessimismo em relação ao crescimento da Igreja por parte dos atuais pastores e mestres. No caso específico de Augustus Nicodemus

¹⁹ Você foi enganado ao Crer no Mito de que o Mundo está ficando cada vez Pior? Pág. 17. J. D. King. Publicado em português pela Revista Cristã Última Chamada. Site: http://www.revistacrista.org/literatura_Revista021.html Acessado dia 31/01/2023

Lopes, ele mesmo contrariou o que Cristo disse em Mateus 16:18, quando pregou “um sermão na Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia e afirmou que esse período [o da Grande Tribulação] será marcado por uma quase extinção da Igreja”.²⁰

É quase unanimidade por parte desses pastores pessimistas que os pós-milenistas creem que o Reino de Deus conquista e traz paz no mundo através de esforços humanos. Um crítico do Pós-milenismo escreveu que segundo essa visão o Reino de Deus “não será estabelecido através da intervenção sobrenatural de Cristo na história em Sua Segunda Vinda. Em vez disso, será estabelecido por meio de esforços humanos, como a expansão do conhecimento do homem, suas novas descobertas e invenções, sua crescente capacidade de exercer domínio sobre a natureza e a crescente influência da Igreja”.²¹

Outra crítica contra o Pós-milenismo é que “muitas pessoas argumentam que a história mostra que a humanidade é incapaz de criar um mundo perfeito através dos seus próprios esforços, e que a única esperança de salvação reside na intervenção divina através da segunda vinda de Cristo”.²²

O que todas essas objeções não levam em consideração é o poder de Cristo para transformar os corações das pessoas. Em Ezequiel 36:26–27, Deus promete:

²⁰ Grande Tribulação será intensa e levará Igreja à beira da extinção, alerta Nicodemus. Site: www.noticias.gospelmais.com.br/grande-tribulacao-igreja-extincao-nicodemus-129044.html Acessado dia 28 de Novembro de 2020.

²¹ Uma Descrição e Uma História Primitiva das Visões Milenares. Renald Showers. Site: <https://paleoortodoxo.wordpress.com/category/pos-milenismo/> Acessado dia 31/01/2023

²² Pós-Milenarismo: A Era de Glória e a Esperança Renovada. ADILSON CARDOSO. Site: <https://adilsoncardoso.com/pos-milenarismo/> Acessado dia 04/02/2026

“Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne.

Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis”.

Tanto Isaías 2:2–4 quanto Salmos 22:27–31, assim como muitos outros textos bíblicos, garantem que chegará o tempo em que haverá conversões em escala mundial. Será o tempo em que “a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Habacuque 2:14; Isaías 11:9).

Multidões incontáveis, provenientes de todas as nações, quase em sua totalidade convertidas ao Senhor — o resultado será este:

“Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças, foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, e jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

— Isaías 2:4

Durante o tempo em que o Evangelho avança, o Senhor, segundo Sua sábia vontade e justo juízo, vai julgando e resolvendo contendas entre as nações. Ele faz isso de diversas maneiras — inclusive usando uma nação para disciplinar outra — além de inúmeras outras ações providenciais. Contudo, chega o momento do ápice histórico: “Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, e jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

Muitos perderam a profundidade desse versículo. É difícil imaginar o grau de confiança mútua entre os seres humanos a ponto de nações, povos e tribos inteiras terem absoluta certeza de que não serão atacados por outros. Isso envolve desde pequenos vilarejos até grandes cidades e potências mundiais.

Muito provavelmente, a tecnologia nesse período será extremamente avançada — algo que já começamos a vislumbrar com o desenvolvimento das inteligências artificiais. Em termos puramente humanos, isso por si só já seria motivo suficiente para que pequenos grupos dominassem o mundo. Bastaria um grupelho com acesso privilegiado à tecnologia para subjugar o restante da humanidade. Mas isso não acontece. E o fato de não acontecer é uma evidência poderosa de que a imensa maioria da população estará convertida ao Senhor.

O grau de confiança entre as nações descrito em Isaías 2:4 é tão elevado que pressupõe a ausência real de ameaças. Isaías 65:23 reforça essa realidade ao declarar que “não labutarão inutilmente, nem gerarão filhos para a infelicidade; pois serão um povo abençoado pelo Senhor, eles e os seus descendentes”. O Salmo 22:30–31 confirma essa continuidade geracional da fé:

“A posteridade o servirá; gerações futuras ouvirão falar do Senhor, e a um povo que ainda não nasceu proclamarão seus feitos de justiça, pois ele agiu poderosamente”.

Esses são exatamente aqueles de quem se diz: “não gerarão filhos para a infelicidade”.

Ainda assim, alguns recorrem a Apocalipse 20:7–9 para afirmar que haverá uma apostasia final em larga escala, na qual as nações se rebelariam contra o Senhor, supostamente contradizendo a profecia de Isaías sobre não gerar filhos para a calamidade. Contudo, o fato de o texto mencionar inimigos “como a areia do mar” não exige a conclusão de que o número de não convertidos será majoritário ou sequer significativo em termos proporcionais.

É perfeitamente plausível entender que Apocalipse 20 descreve um longo período após a conversão das nações, no qual muitas gerações de fiéis se sucedem. Se houver uma apostasia final, ela será pequena,

restrita a uma minoria. A linguagem “como a areia do mar” pode ser compreendida de forma hiperbólica, ou até mesmo referir-se à mobilização demoníaca liderada por Satanás. Em qualquer dos casos, a intervenção divina é imediata: “desceu fogo do céu e os devorou” (Apocalipse 20:9).

Em resumo, a promessa de uma Era Dourada de paz, prosperidade e domínio do Evangelho não é anulada por Apocalipse 20:7–9. Esse texto não desmonta o Pós-milenismo nem o transforma em uma esperança ilusória. Os críticos do Pós-milenismo não possuem, nesse ponto, uma objeção decisiva: a chamada “doutrina da apostasia final” não invalida a clara expectativa bíblica de vitória histórica do Reino de Cristo.

“Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices”.

- Isaías 2:4

As guerras, apesar de seus efeitos devastadores, historicamente aceleraram avanços significativos na medicina e na tecnologia. No campo médico, a Primeira Guerra Mundial foi responsável por impulsionar técnicas cirúrgicas de controle de danos, com foco na estabilização rápida de ferimentos graves, além de consolidar o uso de anestesia e antissépticos, reduzindo complicações pós-operatórias. Durante o mesmo período, surgiram os primeiros bancos de sangue e aprimorou-se a prática de transfusões, salvando milhares de vidas de soldados feridos. A introdução de máquinas de raio-X portáteis nos campos de batalha permitiu diagnósticos mais precisos e serviu de base para seu uso na medicina civil. Já a Segunda Guerra Mundial impulsionou a produção em larga escala de penicilina e outros antibióticos, revolucionando o tratamento de infecções. Além disso, o grande número de amputados estimulou o desenvolvimento de próteses mais funcionais e de métodos avançados de reabilitação, enquanto unidades cirúrgicas móveis e sistemas de evacuação rápida de feridos influenciaram práticas modernas de emergência médica.

No campo tecnológico, a necessidade de comunicação rápida e segura durante os conflitos acelerou o desenvolvimento de rádios, sistemas de codificação e, posteriormente, tecnologias de informação. A guerra também impulsionou a produção industrial em grande escala e o uso de novos materiais, técnicas que posteriormente foram aplicadas na manufatura civil. Pesquisas científicas colaborativas entre governos, universidades e indústrias foram intensificadas, resultando em inovações aplicáveis à medicina e à indústria. Tecnologias como radar, navegação e telecomunicações, inicialmente desenvolvidas para fins militares, tiveram impactos diretos na aviação civil e em sistemas de comunicação globais.

Dessa forma, os conflitos, embora tragicamente destrutivos, funcionaram como catalisadores para avanços que moldaram a medicina moderna e diversas áreas tecnológicas, cujos benefícios continuaram sendo aplicados em tempos de paz.²³

²³ 1. USAHistoryTimeline.com. The influence of World War I on science and innovation. Disponível em: <https://www.usahistorytimeline.com/pages/the-influence-of-world-war-i-on-science-and-innovation-21172444.php>

2. USAHistoryTimeline.com. The influence of World War I on the development of medicine. Disponível em: <https://www.usahistorytimeline.com/pages/the-influence-of-world-war-i-on-the-development-of-medicine-264ff6c5.php>

3. D-Day.Center. The impact of WWII on European medical advancements. Disponível em: <https://www.dday.center/the-impact-of-wwii-on-european-medical-advancements>

4. Knowledge.Deck.no. War-induced technological advancements. Disponível em: <https://knowledge.deck.no/history/world-wars/economic-impact-of-the-world-wars/war-induced-technological-advancements>

Voltando a Isaías 2:4 que diz: “Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices”. Esse versículo nos mostra um mundo de paz duradoura, onde a destruição dá lugar à construção e ao bem-estar. Historicamente, guerras trouxeram avanços importantes para a medicina e a tecnologia, como transfusões de sangue, antibióticos, próteses, técnicas cirúrgicas e inovações industriais e de comunicação. No entanto, esses benefícios ocorreram mesmo em meio à dor e à destruição.

Em um mundo conforme Isaías 2:4, onde armas se tornam ferramentas agrícolas e de trabalho, toda a energia, recursos e criatividade humana poderiam ser dedicados exclusivamente à vida, à saúde e ao progresso. Máquinas antes usadas para guerra poderiam ser reaproveitadas na agricultura, transporte, construção, energia limpa e educação. Tecnologias de comunicação, transporte e engenharia poderiam conectar pessoas, melhorar cidades e preservar o meio ambiente de forma eficiente. Na medicina, pesquisas e avanços poderiam ser aplicados universalmente, promovendo saúde, prevenção e reabilitação sem urgência ou limitação de recursos.

Portanto, se os conflitos já provocaram avanços significativos, em um mundo de paz e cooperação total — onde as espadas viram arados e as lanças, foices — os benefícios da ciência e da tecnologia seriam muito maiores, servindo plenamente à humanidade. Isaías 2:4 aponta para um futuro em que a criatividade e o conhecimento não são usados para destruir, mas para construir, curar e sustentar a vida sob o governo do Messias Jesus Cristo.

Conclusão

Espero que o leitor tenha compreendido que as guerras cessarão completamente antes da Segunda Vinda de Cristo, como consequência direta do reinado do Senhor, no qual toda a humanidade se converte e experimenta o novo nascimento.

O salmista declara:

“Ele dá fim às guerras até os confins da terra; quebra o arco e despedeça a lança, destrói os escudos com fogo”.

— Salmos 46:9

Muitos imaginam que o Senhor descerá do céu como um super-herói, lançando fogo e raios sobre os instrumentos de guerra, eliminando de maneira repentina os conflitos e a maldade humana. No entanto, conforme aprendemos neste e-book, as Escrituras revelam que esse fim das guerras ocorre por meio de um processo progressivo, resultante do reinado de Cristo.

O texto que apresenta essa realidade de forma mais detalhada encontra-se em Isaías 9:6–7:

“Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso”.

— Isaías 9:6–7

O verso 7 na ARA²⁴ diz:

“...para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim”.

Verso 7 NTLH²⁵:

“Ele será descendente do rei Davi; o seu poder como rei crescerá, e haverá paz em todo o seu reino”.

O texto indica que a paz se manifestará à medida que o Seu governo se expande. Por não compreenderem essa realidade, muitos judeus contemporâneos afirmam que Jesus não é o Messias, pois a opressão, as guerras, o ódio e a miséria ainda persistem. De modo semelhante, os dispensacionalistas incorrem no mesmo equívoco ao esperar que a Segunda Vinda de Cristo produza, de forma imediata, o fim de toda maldade e o estabelecimento pleno da retidão no mundo.

Mas, na realidade:

“...a vasta literatura do período do Segundo Templo não descreve o Advento do Messias como algo que imediatamente corrigiria todas as coisas. Ao contrário, ela prevê um período intermediário, no qual o Messias permaneceria “oculto” enquanto ainda governava”.²⁶

²⁴ ARA – Almeida Revista e Atualizada.

²⁵ NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

²⁶ Veja, Morgan, op. citado , “Aquele que sai: sobre como revelar um segredo messiânico”. Steven Wietzman. Pp. 63-89. Citado por Samuel M. Frost em O Senhor está Vindo, pg. 17. Site:https://www.revistacrista.org/literatura_o_Senhor_ESTA_VINDO.html Acessado dia 24/02/2025

Entendo que Atos 3:20–21 aponta precisamente para esse intervalo histórico em que o Messias, embora oculto aos olhos humanos, continua a exercer o Seu domínio, sendo retido nos céus “até os tempos da restauração de todas as coisas, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas desde o princípio”. Assim, desde a Sua ascensão, Cristo permanece invisível à humanidade enquanto reina, até o momento em que Se manifestará novamente na Segunda Vinda.

Esse princípio já se fazia presente durante o Seu ministério terreno. Jesus não proclamava abertamente Sua identidade messiânica, e esse silêncio não era casual, mas fazia parte do modo esperado pelo qual o Messias deveria atuar quando viesse.

É certo que o governo de Cristo é plenamente capaz de pôr fim a toda forma de guerra, pois “o zelo do Senhor dos Exércitos fará isso” (Isaías 9:7). Devemos, portanto, confiar com absoluta segurança nessa promessa divina, sabendo que Deus possui todos os meios necessários para estabelecer e preservar uma paz verdadeira e duradoura antes do retorno de Cristo. Ao orarmos pela vinda do Reino de Deus e para que a Sua vontade seja feita na terra, como no Céu (Mateus 6:9–10), reconhecemos que esse Reino já foi inaugurado e que continuará a avançar até os confins da terra, alcançando nações, povos, tribos, culturas, a ciência e todas as esferas da atuação humana.

Temos ainda muito trabalho pela frente no cumprimento da Grande Comissão confiada por Jesus. Muitos, porém, não estão dispostos a encarar essa responsabilidade. Preferem ansiar pelo fim imediato de todas as coisas, embora a Bíblia não ensine essa expectativa. Nesse sentido, comunistas e muçulmanos têm muito a nos ensinar quanto ao zelo, à disciplina e à dedicação às suas causas e crenças. O professor Olavo de Carvalho escreveu a esse respeito:

“O muçulmano pode sacrificar esta vida por objetivos de longuíssimo prazo porque tem a perspectiva do paraíso com suas setenta virgens; o comunista, porque tem a miragem da sociedade perfeita que se agita diante dele e o atrai para frente como uma cenoura de burro. O homem ocidental tem no máximo a esperança de um carro novo ou da próxima trepada, na qual nenhum sacrifício faz sentido. A diferença da escala temporal entre a mente dele e a de seus dois inimigos é monstruosa e intransponível. O cristianismo poderia restaurar nele o senso de uma meta dourada para além desta vida, mas está mais empenhado em parecer bonzinho”.²⁷

Enquanto, sob a expectativa de um Arrebatamento Secreto, muitos cristãos cruzaram os braços diante do mundo, os inimigos de Deus passaram a cooptar a noção de Reino de Deus. Assim, uma perversão secularizada do Pós-milenismo acabou por conceder aos marxistas dos séculos XIX e XX a confiança em um domínio global que antes pertencia à cosmovisão cristã. Nesse contexto, Karl Marx afirmou:

“O trabalhador deve um dia aproveitar o poder, a fim de erigir a nova organização do trabalho... Se ele não quer sofrer a perda do céu na terra, assim como os antigos cristãos que negligenciaram e desprezaram”.²⁸

Concluo este e-book com as sábias palavras de Brandon Vallorani, que expressam com clareza a exigência de uma visão de longo prazo na missão de conquistar este mundo:

“O Reino de Deus está crescendo, e apenas começamos. Em Deuteronômio 7:9, Deus promete que seu amor e fidelidade se estenderão a milhares de gerações. E Gálatas 3 nos lembra que todos aqueles que têm fé em Cristo são herdeiros da promessa de Israel. Se uma geração tem aproximadamente 40 anos, então

²⁷ Olavo de Carvalho, filósofo - 08 de Setembro de 2017, via Facebook.

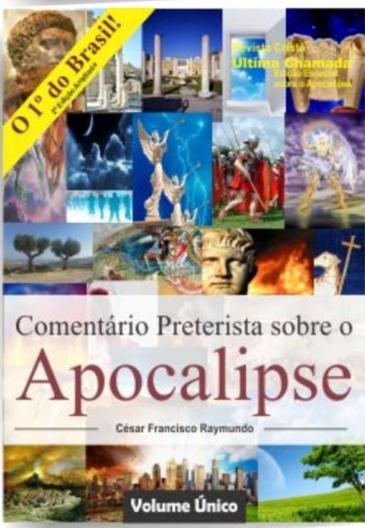
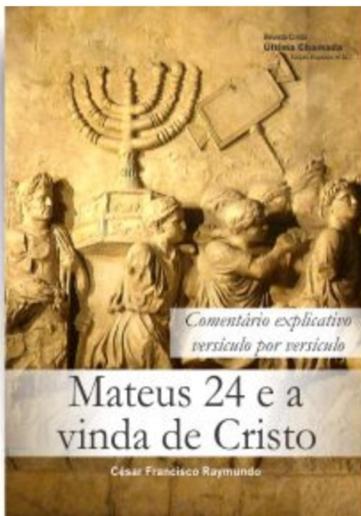
²⁸ Karl Marx, “Address at the Hague Congress,” (1872) see a version here; Quoted in Dennis Peacocke, *Winning the Battle for the Minds of Men* (Santa Rosa, CA: Alive and Free, 1987), p. xi. Citado por Mike Warren em www.christianciv.com/blog/

completamos apenas uns 6.000 anos de história e temos pelo menos 34.000 anos a seguir! Não estamos vivendo nos últimos dias – estamos vivendo na igreja primitiva! Cada decisão que tomamos hoje, especialmente como educamos os nossos filhos, terá um impacto nos milhares de anos vindouros. Deus nos deu uma oportunidade para fazer um impacto tremendo pelo Seu reino. Esse é um período excitante para estar vivo na história. Não seja pego pelo sensacionalismo catastrófico da mídia liberal e dos escritores proféticos. Pelo contrário, pense nos netos dos seus netos. Que tipo de visão você deixará para eles?”²⁹

²⁹ Estamos Vivendo nos Últimos Dias ou na Igreja Primitiva? Brandon Vallorani. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Fonte: <http://www.americanvision.org/>

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a

**Esperança
Pós-milenista?**

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

**PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS**

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFÉCIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

**Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico**
Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

**E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?**